



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## MUSEU DIGITAL DA MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NO BRASIL – GALERIA RIO DE JANEIRO

Gabriel da Silva Vidal Cid

UERJ/FAPERJ

cidgabriel@yahoo.com.br

Nesta comunicação pretendemos apresentar alguns resultados do projeto de pesquisa em andamento *Museu Digital da Memória Negra e Africana no Brasil – Galeria Rio de Janeiro* que tem por objetivo criar arquivos digitais e exposições virtuais sobre a memória dos africanos que chegaram à cidade do Rio de Janeiro e seus descendentes, coordenado pela professora Myrian Sepúlveda dos Santos (IFCH/UERJ). Este projeto busca ampliar as possibilidades de salvaguarda e acesso à fontes documentais que estejam sob guarda de instituições públicas e acervos particulares. Inserido no projeto nacional *Museu Digital da Memória Afro-Brasileira*, coordenado pelo professor Lívio Sansone (UFBA), associa-se a iniciativas regionais com equipes locais nos estados da Bahia, Pernambuco e Maranhão que também se propõem a organizar arquivos e exposições sob a forma virtual de galerias e reserva técnica.

Entende-se que o meio digital, enquanto uma nova linguagem, pode contribuir renovando a discussão sobre a produção da memória dos negros e seus ancestrais em sua dinâmica de produção identitária, da mesma forma que as atividades no campo da memória devem estar cada vez mais próximas à ampliação do acesso à informação e às novas tecnologias, no sentido de estímulo à uma participação efetiva. Desta forma espera-se que a criação deste Museu Digital possibilite um processo endógeno de preservação e ampliação do acesso à informação, entendido como fundamental num processo crítico de produção de memória. Nas concepções mais atuais de preservação entende-se que esta fundamentalmente deve atrelar-se ao acesso. O processo de digitalização implica em duplicar visando também o acesso, o que estaria para além do ato de difundir, de modo que o desenvolver deste museu prevê, para além da pesquisa de seleção de documentos, três ações distintas, porém associadas: arquivar, conservar e acessar.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Atualmente, posto que o *Museu Digital da Memória Negra e Africana no Brasil – Galeria Rio de Janeiro* está voltado para ampliação do acesso às fontes documentais num sentido crítico aos impactos da tradicional forma de produção da memória sobre a população negra no Brasil, realiza-se atividades de investigação que proponham novas abordagens, histórias e olhares. Este projeto foi aprovado em abril de 2010, no âmbito do programa da FAPERJ/Pensa Rio - Apoio ao Estudo de Temas Relevantes e Estratégicos para o Estado do RJ – 2009. A partir das especificidades da cidade Rio de Janeiro que concentra instituições públicas de memória, num primeiro momento realizou-se levantamentos, seleção e digitalização de documentos em instituições como: Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional e Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, dentre outras. Para um segundo momento projeta-se a pesquisa, produção de documentos<sup>1</sup> e digitalização de acervos particulares.

Em perspectiva interdisciplinar, este projeto de pesquisa, assim como seus resultados, se coloca como espaço privilegiado para o diálogo dos diversos saberes que discutem a chegada e permanência da população africana no Rio de Janeiro. A partir da experiência inicial do projeto de pesquisa que culminou com o sistema implementado pela equipe de Salvador<sup>2</sup> em 2010, onde qualquer usuário, a partir de uma senha, pode de forma automatizada inserir arquivos digitais no banco de dados virtual criando novas galerias, desenvolve-se uma nova ferramenta que facilite também a criação de mostras de cada galeria, além de rotinas pré-programadas de tratamento dos arquivos digitais<sup>3</sup>. Sendo assim, somando-se às ações de pesquisa, digitalização e organização de documentos digitais, colocou-se como necessário o pensar de uma plataforma virtual, visando um processo simples de organização dos documentos digitais que seja de fácil uso para usuários não avançados no lidar com documentos digitais. Este processo facilitará o envio de documentos para o sistema do Museu Digital, além da busca, guarda – *backups* – e organização dos mesmos. Assim como todo o acervo digitalizado e compilado, este sistema

<sup>1</sup> Estão sendo produzidas entrevistas e o planejamento para produção de documentos audiovisuais em formato digital.

<sup>2</sup> <https://arquivoafro.ufba.br/arquivoafro/welcome.jsf>

<sup>3</sup> Participam ativamente deste processo, juntamente com a equipe do Rio de Janeiro, os pesquisadores Raquel Noronha (UFMA) e Washington Jesus (UFBA), pertencentes à equipe do Maranhão e da Bahia respectivamente.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

organizador das galerias que aqui denominamos de plataforma virtual será acessível de forma gratuita a qualquer um que assim o queira, permitindo anexar documentos ou deixar comentários a documentos diversos acessados no sítio eletrônico.

Importante destacar que simultaneamente e associado a este sistema facilitador da criação das galerias e mostras há o desenvolvimento por parte da equipe do Rio de Janeiro de uma interface – sítio eletrônico – que possui especificidades regionais de acordo com as propostas de exposições realizadas pela equipe de pesquisa. Esta interface dará acesso ao sistema de arquivos – plataforma virtual – e às exposições virtuais mais elaboradas propostas pela equipe do projeto de pesquisa.

A busca por esta ferramenta facilitadora do acesso à produção da memória afro-brasileira justifica-se, pois os museus digitais, enquanto espaço conceitual, vêm sendo cada vez mais pensados e utilizados na perspectiva de ampliação ao acesso, potencializando a inclusão de diversos setores da população, que são tradicionalmente excluídos de outros espaços institucionais formais. Acrescenta-se a isso que em nossa perspectiva a noção de documento abrange um variado conjunto de registros para além das fontes escritas como: recortes de jornais, documentos pessoais, cartas, atas, textos originais e não publicados, poesias, receitas culinárias ou da medicina tradicional, fotos, iconografia, gravações, partituras de músicas, depoimentos, rezas, cantigas, reproduções de objetos ou artefatos da cultura material, filmagens e gravações de eventos culturais ou políticos.

Neste sentido o *Museu Digital da Memória Negra e Africana no Brasil – Galeria Rio de Janeiro* vem sendo discutido por uma equipe multidisciplinar composta por profissionais de diversas instituições<sup>4</sup> e estabelecendo parcerias com instituições públicas de memória como Biblioteca Nacional e Arquivo Nacional. Entretanto, busca também ampliar o diálogo com pesquisadores e produtores que possam colaborar com material de pesquisa ou registros em formatos diversos. Em nossa interface inicial, organizado, a

---

<sup>4</sup> Equipe: Coordenação: Myrian Sepúlveda dos Santos (UERJ); Pesquisadores Associados: Elielma Ayres Machado (UERJ), Maria Alice Rezende Gonçalves (UERJ), Simone Pondé Vassallo (UERJ); Apoio Técnico: Cláudio Mendes (UERJ), Gabriel Cid (UERJ/FAPERJ); Colaboradores: Andrea Lopes Vieira (UniRio), Aureanice M. Correa (UERJ), Carla Lopes (Arquivo Nacional), Cesar Baía (Museu do Folclore-RJ), Javier Alejandro Lifschitz (UNIRIO), José Jairo Vieira (UFRJ), Julia Pereira (Eco Museu/UERJ), Livio Sansone (UFBA), Marcia Leitão Pinheiro (Uenf), Maurício Barros de Castro (PPCIS/UERJ), Patricia Silveira de Faria (UFRJ), Regina Abreu (UNIRIO), Stefania Capone (CNRS/França)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

princípio em 5 eixos temáticos (Saberes, Fé, Festas, Terra e Poder), busca-se apresentar alguns resultados dos levantamentos realizados até então na forma de exposições virtuais. Espera-se que a ampliação do acesso aos resultados das pesquisas iniciais incentivem forte interação entre a construção de galerias e usuários do Museu Digital, reservando espaço para a contribuição no que toca ao acervo e a comentários sobre os documentos e exposições.

Após esta exposição inicial de nossas primeiras atividades passaremos então a descrever algumas propostas primeiras de exposições que estão em construção.

- O negro escravo na Paisagem do Rio de Janeiro no Século XIX

A partir de levantamento realizado por Lilia Moritz SCHWARCZ e Lucia GARCIA (2006) no acervo da Biblioteca Nacional, selecionamos um total de vinte cinco documentos do setor de iconografias digitalizados pela própria instituição que pudessem retratar o negro no cotidiano da cidade. Nestas imagens a paisagem carioca se torna fundo para personagens que demonstram principalmente o trabalho, mas não somente, trazendo também o lazer, a violência e a África contida no cenário da cidade. Como bem ressaltaram as autoras “estranho paradoxo esse: enquanto o Império fazia questão de divulgar uma imagem “civilizada” e quase européia (e, portanto branca) dessa monarquia tropical, os viajantes não deixavam escapar a realidade da escravidão que parecia fazer parte constituinte da paisagem retratada”.

- Maria Beatriz do Nascimento e organizações negras

Dentro da premissa do projeto de se abrir para novos olhares e documentos até então pouco explorados, no eixo temático Poder, entendemos que diversas formas de ação de associações afro-brasileiras no espaço público deveriam ser valorizadas. Sendo assim, a partir do levantamento realizado no Arquivo Nacional na cidade do Rio de Janeiro, percebemos que os documentos contidos no fundo Maria Beatriz do Nascimento poderiam nos mostrar alguns caminhos percorridos por movimentos políticos negros. Neste fundo, sob a guarda do Arquivo Nacional, temos acesso ao cuidadoso acervo de documentos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

escolhidos por Maria Beatriz do Nascimento ao longo de sua trajetória enquanto intelectual e professora ativamente presente no movimento negro brasileiro. Entre manuscritos, transcrições, recortes de jornal e cartazes acessamos a um passado recente que se coloca essencial para quem quer conhecer a história de luta contra a discriminação e a busca pelo respeito aos africanos e seus descendentes no Brasil. Suas discussões sobre quilombos nos mostram sua busca por compreender as diversas organizações negras no Brasil, que passa, dentre outras formas, pelos terreiros de candomblé e blocos afro na Bahia. Com os documentos que digitalizamos para a exposição tentamos retratar um pouco deste acervo e do passado da ação política de diversas associações da qual fez parte ou estudou Maria Beatriz do Nascimento.

- André Rebouças e a integração do negro brasileiro

Inoã Pierre Carvalho Urbinati (PPCGH/UERJ), busca, partindo de sua investigação de doutoramento apresentar algumas contribuições do engenheiro André Rebouças (1838-1898) que se notabilizou pela firme defesa da abolição da escravidão. Filho do importante jurista liberal Antônio Pereira Rebouças (1798-1880) e irmão do também engenheiro Antônio Rebouças (1839-1874), o líder abolicionista foi além, e propôs uma democratização do acesso à terra, em benefício de amplas camadas marginalizadas da população, inclusive – e sobretudo – dos negros libertos. Rebouças não esteve só nessa empreitada, e a proposta de uma reforma agrária foi defendida também pelo seu amigo e abolicionista Joaquim Nabuco (1849-1910) e por vários outros integrantes do movimento liberal e abolicionista, como o senador Manuel Pinto de Souza Dantas (1831-1894). Mas o engenheiro baiano foi, sem dúvida, o que mais deu ênfase ao projeto de democratização do solo, tendo sintetizado seu programa no conceito de “Democracia Rural”.

Grande parte de suas propostas foi reunida por Rebouças no livro *Agricultura Nacional*, publicado em 1883, sintomaticamente no mesmo ano de *O Abolicionismo*, de Joaquim Nabuco. Nessa obra, reeditada em 1988 pela Fundação Joaquim Nabuco, o engenheiro detalhou ponto por ponto seu programa de reforma social, organizando artigos que havia escrito na imprensa carioca desde 1874. Em periódicos que hoje estão



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

disponíveis em algumas instituições, como a Revista do Clube de Engenharia, Rebouças expôs também várias de suas idéias sociais, sobretudo na década de 1880, quando o movimento abolicionista se fortaleceu. No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), podem ser consultados vários de seus diários, que se constituem em outra preciosa fonte para estudar as idéias de Rebouças. Atualmente encontra-se em fase de preparo a exposição com documentos que retratem algumas de suas propostas dentro do eixo território.

- Arthur Ramos e o estudo do negro

O arquivo de Arthur Ramos é composto por cerca de cinco mil documentos e encontra-se sob a guarda da Biblioteca Nacional na Divisão de Manuscritos desde 1956, quando foi vendido pela viúva do médico Luiza Ramos. Na introdução para o inventário publicado pela Biblioteca Nacional deste arquivo, a professora Luitgarde Oliveira Cavalcante Barros (IFCH/UERJ) ressalta a compreensão de Arthur Ramos para com as Ciências Sociais, onde a separação dos estudos do homem e da sociedade deveria ser importante evitar. Outra questão a que a pesquisadora nos chama a atenção, são as correspondências contidas onde pode-se ter uma idéia da posição que ocupou Arthur Ramos na dinâmica das Ciências Sociais, tendo inclusive ocupado o cargo de chefia desta disciplina na recém criada Universidade do Brasil e na UNESCO (Biblioteca Nacional, 2004).

Indo contra boa parte das abordagens realizadas até então, Arthur Ramos buscou romper com as teorias que viam o homem negro no Brasil como atavicamente propenso a comportamentos estigmatizantes. A partir de seleção realizada pela professora Luitgarde Oliveira Cavalcante Barros, a pedido da Galeria Rio de Janeiro, trazemos algumas imagens que exemplificam as preocupações de Arthur Ramos para com a questão racial no Brasil, documentos que pertenceram a seu arquivo pessoal. Buscamos com esta mostra contribuir para que novas leituras sejam feitas sobre a contribuição deste autor para o estudo das questões raciais no Brasil.

- O renascimento da capoeira na imprensa carioca



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

As pesquisas que tratam da história da capoeira, em sua maior parte divide-se em dois grandes blocos que tratam das maltas no Rio de Janeiro no século XIX e da criação das duas grande escolas em Salvador, Angola e Regional, a partir da década de 1930. Os pesquisadores Maurício Barros de Castro e Gabriel Cid propõem com esta exposição trazer algumas reportagens publicadas pela imprensa carioca nas décadas de 1950, 1960 e 1970 que retratam um momento pouco falado sobre a chegada dos primeiros mestres de capoeira baianos que transformariam esta prática na cidade do Rio de Janeiro. O levantamento foi realizado na Biblioteca Nacional, no setor de periódicos, levando-se em conta a publicação de referência: *Capoeira : fontes multimídia*, Biblioteca Amadeu Amaral, Rio de Janeiro : FUNARTE, CNFCP, 1996.

Além destas exposições acima, diversas propostas vêm sendo propostas e discutidas pelo grupo de pesquisa dentro dos eixos colocados inicialmente: Território, *Comunidades Quilombolas* – Javier Lifschitz e Marcia Pinheiro, *Memórias da Zona Portuária* – Simone Ponde Vasallo; Religião, *Memórias do Candomblé no Rio de Janeiro* – Cesar Baía e Julia Pereira; Festas, *Festivais da Cultura Negra e Africana no Brasil: o Carnaval entre outros*; Myrian Sepúlveda dos Santos e Maria Alice Rezende; Saber: *Magia do Patrimônio - O Registro do Jongo como Patrimônio Cultural* – Andréia Falcão; Poder: *Pioneiros e veteranos: Estudantes universitários e políticas de ação afirmativa no Rio de Janeiro (1999-2009)* – Elielma Machado e Andréia Ferreira; *Memória do Projeto Kalunga: música popular e construção de identidades entre Rio de Janeiro e Luanda (1975-1980)* – Maurício Barros de Castro.

No desenvolver deste projeto de pesquisa entende-se que a memória da população negra pode ser pensada na dinâmica de uma experiência diaspórica, a partir especialmente dos trabalhos de Paul Gilroy (2001) e Stuart Hall (2009). Estes autores vêm propondo uma abordagem onde a experiência da diáspora impactou profundamente as culturas do *Atlântico Negro*. Para Gilroy a diáspora negra no Novo Mundo criou um sentido de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

coletividade e atuação política que deixou legados no processo de construção de uma específica memória. Este passado que, a partir de processos políticos e culturais, se coloca como comum a específicos grupos pode ser lido através de “atalhos” que contribuem para romper com tradicionais formas de se buscar uma “solidariedade mecânica” e “nos lembra que o conceito de diáspora pode oferecer alternativas reais para a inflexível disciplina do parentesco primordial e a fraternidade pré-política e automática” (Gilroy, 2001:18). Atentos para a impossibilidade da redução de um lugar geográfico comum – genericamente denominado África – explicar os resultantes hoje expresso em mais variadas manifestações culturais, munidos do conceito diáspora podemos rever pertencimentos, redimensionar passividades e contrapor essencialismos. Nesta perspectiva teórica a identidade é entendida no interior de processos, num caráter dinâmico, onde a história implica em conflitos.

Atualmente as identidades culturais fortemente relacionadas a efetivos processos políticos de musealização e patrimonialização, além do turismo e consumo cultural, baseiam-se numa conexão com uma África pré-colonial, idealizada, guardada pela ausência de modernização (ocidentalização ou desencantamento). É da mesma forma que o negro vem sendo tradicionalmente retratado por instituições museais no Brasil como podemos ver em trabalhos como os de Raul Lody (2005). Entende-se que todo o processo de musealização também se faz a partir de escolhas e lugares. Santos (2004 e 2005) discutindo algumas iniciativas recentes e a dificuldade em lidar com o processo traumático da escravidão em instituições de memória nos aponta alguns avanços, entretanto com um longo caminho ainda a se percorrer na redução dos processos discriminatórios e das distâncias entre as instituições e os negros ali retratados.

Na definição dos documentos que poderiam contribuir para a realização de exposições e o conjunto de reservas técnicas, percebe-se grande destaque para um sentimento de perda. É certo que a constituição de museus, coleções e arquivos se fazem a partir de narrativas históricas sobre o que é passado ou não (Santos e Araújo, 2007). A celebração de específicos momentos, temáticas e símbolos faz parte do arsenal da memória no processo de sua constituição. Assim as exposições compreendidas enquanto “textos”, nos aproximando das análises de Geertz (1989) e Clifford (1998) sobre os relatos etnográficos, propõem-se a continuidade desta discussão acerca das exposições do Museu Digital da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Memória Afro-Brasileira, analisando estas produções como processos de construção de “textos” sobre negros e africanos no Brasil, no fazer de exposições e arquivos que trazem marcas de seus atores. Discussões que vêm refletindo sobre temas como memória e esquecimento nos falam que lidar com o passado envolve interesses, poder e exclusões (Araújo e Santos, 2007). É desta forma que o desenvolver de exposições e seu relacionamento com o passado no sentido de trazê-lo como significante a símbolos alçados para a composição das salas virtuais, deve ser visto de forma crítica às propostas de processos históricos e tradições consolidadas que certamente são definidos a partir de significados atribuídos pelo presente.

A literatura que vem analisando os processos de produção da memória em nossa contemporaneidade afirma que ela vem se colocando como um importante produtor de significados. Huyssen (2000) argumenta que a memória, desde as últimas décadas do século XX, emerge como central na definição do político no mundo ocidental. Na construção do que este autor chama de “passados presentes” há um forte discurso pela memória que fundamenta atuações políticas, calcadas em relações identitárias. Entendemos que a construção deste Museu Digital da Memória Afro-Brasileira deve ser pensado e discutido nesta dinâmica de ampliação das “esferas públicas de memória” que trata Huyssen (2000). Da mesma forma, especificamente no Brasil, também observa-se a ampliação dos usos da categoria afro-brasileiro, nas últimas décadas, na legitimação de políticas reparatórias. Tal processo vem ocorrendo a partir de uma perspectiva de cidadania ampliada que tem a constituição de 1988<sup>5</sup> como marco legal e em consonância com propostas preservacionistas promulgadas por organismos internacionais. No campo do patrimônio cultural, onde também a este processo ocorre, sobretudo a Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO –, a partir dos anos 60, vem impactando as políticas de preservação em diversos países, não sendo diferente com o Brasil. Este processo aponta para a redefinição de direitos vinculados a dinâmicas históricas e sociais definidores de identidades construídas a partir de categorias étnicas. Nesta

---

<sup>5</sup> No campo da cultura ver os artigos 215 e 216.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

situação o Estado-nação é visto como possuidor de caráter multiétnico e segmentos até então excluídos são operacionalizados como sustentáculo de identidades nacionais<sup>6</sup>.

Concluindo, buscamos aqui apresentar alguns dos resultados iniciais de nosso projeto de pesquisa, Ainda que superficialmente procuramos trazer uma contribuição para a discussão teórica sobre a produção de exposições no campo da memória afro-brasileira, atentos às especificidades do documento digital, procurando apresentar alguns teóricos que vem sendo utilizados pelo grupo de pesquisa visando a realização de um museu digital da experiência negra no Brasil sensível às novas perspectivas de democratização do direito à memória.

---

<sup>6</sup> Importante atentarmos que epistemologicamente observa-se a partir de mudanças ocorridas no campo da antropologia uma transposição de sua leitura do conceito de cultura para outros campos. Esta mudança epistemológica, sobretudo a partir da década de setenta do século XX, vem impactando as políticas públicas no campo da cultura, que passa a enxergar um possível desenvolvimento da nação a partir de suas comunidades tradicionais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## Referências bibliográficas

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento, SANTOS, Myrian Sepúlveda dos, *História, memória e esquecimento: Implicações políticas*, Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 79, dezembro, 2007.

BIBLIOTECA NACIONAL, *Arquivo Arthur Ramos : organização descrição*, Rio de Janeiro, Ed. Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

CLIFFORD, James, *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1998.

GEERTZ, Clifford, *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, Ed. LTC, 1989.

GILROY, Paul, *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*, São Paulo, ed. 34, Rio de Janeiro, ed. UCAM/Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, Stuart, *Da diáspora identidades e mediações culturais*, Belo Horizonte, ed. UFMG, 2009.

HUYSSSEN, Andréas, *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*, Rio de Janeiro, ed. Aeroplano, 2000.

LODY, Raul, *O negro no museu brasileiro : construindo identidades*, Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 2005.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos, *Entre troncos e atabaques: Raça e Memória Nacional*, Colóquio Internacional: O Projeto UNESCO: 50 Anos Depois, Maio, 2004.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos, *Representation of black people in Brazilian Museums*, Museum Society, Leicester, v. 3, n. 1, p. 51-65, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, GARCIA, Lucia, *Registros Escravos : Repertório das fontes oitocentistas pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2006.